



PAULO LINHARES

O DESAFIO DE PENSAR A REDUÇÃO DA DESIGUALDADE A PARTIR DE UMA DAS CIDADES MAIS DESIGUAIS DO MUNDO

A CONJUGAÇÃO DA ESPERANÇA

Iniciei na semana passada, com Grazielle Albuquerque, uma série de entrevistas com mulheres que estão trabalhando, investigando, pensando, sonhando, em síntese, fazendo algumas coisas para este País ficar menos infeliz. Nesta semana, conversamos com Elis Teixeira. Uma menina criada no Papicu, que rodou o mundo e voltou ao Ceará. Ela ensina literatura (UFC), trabalha em várias frentes (dirige o Observatório de Fortaleza) e acaba de lançar o Atlas do Desenvolvimento Humano de Fortaleza.

As impressões e reflexões que nosso diálogo projeta conduzem o leitor às dimensões em geral ausentes em trabalhos jornalísticos com pretensões mais objetivas. Em cada referência da conversa com Elis, ela nos endereça a intimidade de uma espécie de oficina de pensar os processos de produção do conhecimento, sobre os homens e as linguagens: as relações nas sociedades em que viveu (Madri, Paris, Rio, Fortaleza), os acasos fundamentais dos rumos intelectuais de sua vida, as relações próximas e às vezes ambíguas com amores e lugares de trabalho, as leituras literárias e políticas.

O trânsito de Elis Teixeira entre arte, linguística, política, reverbera na conversa, que se abre a diversas possibilidades de leitura. De repente, ela me fala do filme de Fernando Solanas, "A nuvem", onde o genial diretor argentino fala de uma Buenos Aires que se encontra debaixo de uma chuva de 1.700 dias e alguns personagens, assistindo a um país cada vez mais destruído pela loucura, buscam andar em sentido contrário, quando a maioria vai para o abismo.

Ao ser chamada pela mente fervilhante de Élcio Batista para compor a equipe que vai criar o primeiro laboratório brasileiro de estudos para pensar a redução da desigualdade, Elis Teixeira parece me dizer que que o mundo já passou por momento aparentemente terríveis como o que vivemos e a conflagração de energias artísticas, científicas, sociais e filosóficas derivou da instabilidade.

O novo nasce, às vezes, como dizem os físicos, do resultado de uma implosão, uma compactação de forças conflitantes num espaço que se contrai violentamente, como lembrou George Steiner. Elis Teixeira parece se agarrar a um fio qualquer e tenta responder a uma pergunta de Steiner: será que só a literatura tem a licença moral de retirar do tempo futuro a conjugação da esperança? A política, não?

FORMAÇÃO

E: Terminei a graduação em Letras tendo sido aprovada no mestrado da PUC-Rio. Meu primeiro marido, professor espanhol, foi conigo. Quando terminei, fui para Madri, na Espanha. Tive um filho. Fiz a validação do diploma e pedi vaga no doutorado da Universidade de Madri. Fui aceita. Ao mesmo tempo, trabalhava. Me separei e voltei para o Brasil. Voltei para o exterior, para a França, estudar Ciências Cognitivas. Tive formação em computação, fisiologia, linguística, filosofia da linguagem, estatística. Trabalhava com experimentos que podiam comprovar hipóteses sobre a consciência. Em Paris, tinha começado um estágio com movimentação ocular. Meu namorado, físico, disse: "Por que você não vai para o Brasil, tenta fazer o doutorado,

lá a gente monta o laboratório?". Voltamos, montamos o laboratório e fiz o doutorado na área de movimentação ocular e linguagem, que hoje a gente chama de Psicologia da Leitura.

ATUAÇÃO

E: Procuro, através do tempo de movimentação dos olhos, evidências de que existem processos cognitivos que são subjacentes a cálculos linguísticos. Se eu digo, "esse bar está cheio, aqui é normalmente vazio". Esse "aqui" remete a um determinado lugar, uma entidade que foi dita anteriormente num discurso. O que estudo é formas de apontar para esses referentes e que formas são essas, como a mente humana compreende a

referência. Duas técnicas são muito potentes: o rastreamento ocular e o eletroencefalógrafo, que mede os potenciais elétricos evocados quando tem um processamento linguístico.

LABDESIGUALDADE

E: Fortaleza tem pelo menos 2,7 milhões de pessoas na estimativa do IBGE de 2021. Essa cidade vai ter pelo menos 470 mil pessoas inscritas no Cadastro Único, famílias que vivem com pouco recurso financeiro diariamente. Essas pessoas estão nesse mundo da desigualdade, hoje, que precisa ser combatida. No laboratório mundial sobre desigualdade, em Paris, a grande força é mostrar como a concentração de recursos

financeiros acontece e como você está dentro daquele percentual. Você pode observar nos mapas do mundo as concentrações de riqueza. Em Fortaleza, a ideia é que a gente possa mostrar e discutir os indicadores.

DESIGUALDADE RACIAL

E: No relatório sobre o capital humano, a gente mostra a curva diferente de pretos e pardos na distorção de idade certa, que é a pessoa estar na idade correta, previsível por lei, naquela série. Fortaleza teve um avanço incrível, está nos dados do Atlas. Hoje, nas séries iniciais do fundamental, tem menos distorção de idade e série. Quando a gente vai estratificar racialmente, a distorção para os pretos é muito maior do que para os brancos. No ensino médio, ainda tem a evasão maior entre negros. Esses dados são públicos. As mulheres negras sofrem mais violência, os homens negros e os homens em geral abandonam mais as escolas e têm mais distorção da idade e série. No caso dos indígenas, a gente tem falta de dados. Quando a gente vai ver a população negra, pensando pretos e pardos, a desigualdade é gritante.

MONITORAMENTO DE POLÍTICAS

E: O laboratório está em construção. Do ponto de vista estratégico, simplificando, é que a gente possa, de maneira inteligente, propor políticas com avaliação prévia e posterior de impacto, que possam reduzir desigualdades nas suas várias naturezas. Essa política, uma vez percebido o seu impacto positivo na redução da desigualdade, que ela possa ser estruturada para ser replicada em outras áreas de vulnerabilidade. É o uso inteligente do recurso público, testado, validado, para que possa ser multiplicado.

IMPORTÂNCIA DO LABORATÓRIO

E: O Ceará é um estado extremamente racista. Quando a gente olha para os números, e tem números de homicídios, educação, distribuição de renda, emprego, nível salarial... A gente tem que pautar isso. É urgente. É o cerne dos problemas do Brasil. A gente precisa se conhecer. Esse país precisa ser empático, não segregador. Sei que um indivíduo é pouco no mundo, mas vários indivíduos fazendo barulho podem fazer muito mais.

ÂNZIO ITALIANO AUTÊNTICO, SABOROSO E ACESSÍVEL

A culinária italiana, ao contrário da francesa, é direta e verdadeira. Diz logo ao que veio.

O Anzio (Travessa Acaraú, 39, Meireles) se distingue nessa verdadeira epidemia de restaurantes italianos que se abateu sobre Fortaleza pelo seu chefe Fabio Felle. Mais italiano impossível! Seu menu é feito com uma entrada, cheia de pequenos pratos feitos para compartilhar, seguido de um primo piatto (massa) e o secondo piatto (o

prato principal). Quem não conhece, eu afirmo: vale muito a pena experimentar!

A entrada (\$ 40) é um antepasto como cogumelos, atum com cebola, bruschetta com tomates, caponata de beringelas e de abobrinha, polvo a vinagrete e um presunto de parma de excelente qualidade. É tão deliciosa que você não quer mais sair dela.

Em seguida, você escolhe uma entre cinco opções de massas

ou risotto (\$60). Tudo fresco, com molhos deliciosos e sem misturadas equivocadas.

Finalmente, o prato principal (\$60) que geralmente é uma carne bem preparada acompanhada só de tomate e alface, ou camarões e lagosta grelhadas, dependendo da sazonalidade.

Um jantar delicioso, com atendimento devagar quase parando, num ambiente simples, mas aconchegante. Recomendado pelo ótimo custo-benefício (você pode pedir só a entrada e uma massa, ou, a entrada e uma carne) e pela experiência da comida italiana bem feita por quem conhece a fundo.

